

# Negro: a liberdade não tem nome no 13 de maio

Cento e dois anos depois da assinatura da Lei Áurea, é crença generalizada no seio da maior parte dos movimentos negros do País, de que essa lei foi simplesmente um "chefe de gabinete", destinado a encobrir outros interesses, principalmente econômicos, existentes naquela época. O 13 de Maio não é, portanto, cultuado pelos movimentos negros como o dia da raça, pois, para eles, a data oficial é 20 de novembro, quando ocorreu a morte do seu principal líder, Zumbi, do Quilombo dos Palmares. Diversos segmentos da população, com nível cultural um pouco acima da média, assinalam que a discriminação contra os negros continua em alta, e vêem o 13 de Maio apenas como uma maneira da elite branca homenagear uma mulher de sangue real.

Rafael Rocha Neto

Sobre a escravidão negra no Brasil não se leva em conta tudo aquilo que serviu para alterar o ritmo de vida de uma raça que, sendo retirada de outra terra para servir à ganância das poderosas companhias coloniais, ao receber a notícia de sua libertação, ficou ainda mais perdida em um universo estranho e sem os direitos essenciais à

sua condição humana. Ainda hoje sofre na pele o rigor dos preconceitos e discriminações e, mesmo que se diga, no Brasil, da existência liberal e miscigenada das raças, a taxação de negro é uma diferenciação incômoda para quem nessa condição pretende subir na escala social.

Todos os anos, no dizer dos mais diversos movimentos

negros existentes no País, exatamente no 13 de maio, tudo volta a ser exposto. Essa mancha que nunca vai se apagar de nossa história retorna ao noticiário pelas mãos das elites brancas, em homenagem sem precedentes, não ao negro, mas a uma simples mulher de sangue real que, segundo a versão popular, apiedou-se da situação dos negros e resolveu, humanitariamente, libertá-los. Nessa homenagem, insere-se a realidade hipócrita do social beneficiando muito pouco a parcela da população brasileira de cor.

Assim, no entender do Movimento Negro Unificado, eis o contraste irônico das coisas: intelectuais brancos se debruçam sobre o tema e, como fazem todos os anos, começam a classificá-lo e dissecá-lo. E tudo isso de acordo com seus próprios métodos e princípios. Elogios são lançados às tradições afro e

aos personagens mortos e vivos que engrandeceram e engrandecem o nome da pátria, sempre camuflando a maior parte da realidade socioeconômica em que vivem todos os negros.

## RACISMO E CRIME

"O negro não foi liberto", eis o pensamento da estudante de filosofia Maria do Carmo Silveira, 23 anos, branca. "Apenas recebeu outra condição para ser, podendo pensar como gente, viver como gente, mas nunca elevado a uma maior condição pela elite social branca". Acentua que, no Brasil, o racismo existe numa forma muito pior, às escondidas, como parte de uma mentalidade sempre em atraso. A escravidão agora é outra, concentrada nos grilhões dos preconceitos. Mesmo sem correr maus tratos físicos, existe o cerebral, muito mais forte, "pois consegue fechar portas e janelas para quem deseja ver o sol". A Lei Áurea, ela defi-

niu como inutilidade total. "Libertou o negro, mas não lhe ofereceu estruturas para enfrentar uma sociedade, cujo centro de decisões está totalmente nas mãos dos brancos".

E existem mesmo brancos no Brasil? Não é o que pensa Antônio Carlos Ferraz da Silva, 25 anos, estudante de História e funcionário público estadual. Segundo ele, essa massa da população assim classificada nada mais é que uma mestiçagem proveniente de vários tipos de raças. Branco de verdade, disse ele, só nas estatísticas, pois a raça negra está presente em nossos traços fisionômicos, isso sem falar no sangue que corre em nossas veias, também misturado com o indígena.

Indo mais longe, Antônio Carlos referiu-se aos crimes contra a humanidade incluindo a escravidão negra como um deles. "Ninguém nunca quis se aprofundar nesse tema. Porém, mais de 15 milhões de negros africanos foram seqüestrados de suas terras, obrigados a abandonar raízes culturais próprias, bem como seus familiares, e cruzar o Oceano Atlântico, onde mais de um milhão perdeu a vida na travessia. Isso sem falar de como os negros, aqui na América do Sul, em nome de uma pátria que não tinham, e mais ainda, "em nome do Império brasileiro, foram considerados simplesmente "carne

## VENDE-SE COFRES

NACIONAL, INGLÊZ, CAIXA FORTE ETC.

Temos para venda quantidade ltda cofres usados de fabricantes renomados, inclusive cofre postal para posto de gasolina e empresas em geral.

Tratar rua da Conceição nº 128 horário das 9:00 às 11 e das 13 às 15:00 bairro Boa Vista.

para canhão", na Guerra do Paraguai, quando milhares eram enviados às frentes de combate sem nenhum preparo militar, apenas para engrossar o contingente da tropa".

### LIBERDADE

O sentido da palavra liberdade inclui muita coisa, porém, sua transparência é relativa. Na etimologia, é a faculdade de cada indivíduo decidir ou agir dentro dos limites impostos por normas definidas. Nesse caso, na busca de espaço político e social, o negro não é livre. Ele ainda é oprimido, agora numa forma muito mais sutil.

O negro brasileiro nunca foi libertado, disse Carlos Lima, 32 anos, negro, militante do Partido dos Trabalhadores. Foi apenas solto nas periferias das cidades, sem condições de disputar um lugar no meio social. Não possuindo especialização apropriada, sem educação, escolaridade e muito menos nível intelectual ou profissional, foi expulso das senzalas e forçado a criar núcleos habitacionais nas regiões ribeirinhas e nas periferias dos grandes centros, o que deu origem às primeiras favelas brasileiras.

Na América do Norte,

explicou Carlos, antes do negro conseguir sua liberdade, o presidente Abraão Lincoln já tinha assinado decreto anulando o direito de disputar com o branco espaço na vida social. Para isso, apesar de pequena, existia estrutura, pois na época foram criadas escolas para os filhos de escravos e, portanto, os negros tinham alguma espécie de consciência coletiva e de classes. "Nos EUA ocorreu uma guerra civil, que à parte suas causas de conteúdo político e econômico, serviu para libertar os negros, mesmo sem apagar os estigmas discriminatórios ainda hoje existentes. No Brasil, houve na realidade um "blefe de gabinete", com a criação de uma lei sem nenhuma consistência".

### DISCRIMINAÇÃO

Todos são iguais perante a lei. Não existe distinção de cor, credo, classe, nem de condição social. Em termos gerais é isso que está escrito na Constituição. Porém, nota-se que na prática nada disso é verdadeiro. Segundo a psicóloga Marilena Chauí, em algumas delegacias de Polícia, em São Paulo, existem cartazes onde se leem frases como esta: "crioulo parado é suspeito; em movimento é la-

drão". O que se pode fazer quando um fato como esse está institucionalizado e registrado numa entidade do setor público? pergunta.

No ambiente da atual sociedade brasileira o negro é fêdrete. A não ser que ele seja na vida por seus próprios meios, que venhaça como Pele e alguns outros, no ainda, se revele um astro na maneira popular, como Milton Nascimento, passa a receber tratamento diferenciado. Mesmo assim, sempre lhe é negado posicionamento mais perto do branco, obrigando-o a defender outros valores que não os seus.

Mesmo existindo pessoas que acreditam na intensa participação do negro na sua libertação, o consenso mostra o descrédito por parte de uma grande maioria. Para essa maioria, a elite social branca por motivos tanto econômicos como de política externa, não estava mais interessada na manutenção do negro escravo. O assunto é polêmico, mas o Brasil, como última nação escravocrata na América Latina, não procurou as alternativas de forma que a massa escrava, após livre, fosse integrada no contexto social econômico da Nação.



## Fim da escravidão. Queda do Império

O negro, retirado à força das savanas africanas e enviado, em regime de escravidão, para outras terras, foi, em alguns casos, motivo de mudanças, tanto no setor político como econômico de alguns países americanos. Nos Estados Unidos da América do Norte a libertação dos escravos levou em conta as ambições econômicas de determinada região - o Norte industrial contra o Sul agrícola - pois, nesse país, a abolição da escravatura aconteceu em situação específica: os Estados nortistas libertaram o negro, em 1863, para atacar os escravocratas do Sul, dando início a uma guerra civil.

No caso do Brasil, na realidade, os donos de escravos, também foram expropriados, tal como nos EUA, mas sem enveredar para um conflito interno. Porém, a ação da Regente, princesa Isabel, foi bem radical, pois, promulgando a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, ela expropriou os proprietários de terras de

sua mão-de-obra, sem indenizá-los.

No âmbito mundial, também era grande a pressão de uma das maiores potências da época - a Inglaterra - para que se desse um fim ao tráfico dos negros africanos, bem como à escravatura. Procurando mercado para seus produtos manufaturados, pois a Revolução Industrial colocou seu país no auge do poder econômico, os ingleses desejavam o fim da escravidão negra por motivos totalmente mercantilistas: abrir novas portas para seu comércio. O Brasil cedeu às pressões inglesas, principalmente porque, na época, a Inglaterra era o principal credor de nossa dívida externa.

Portanto, com a abolição da escravatura ocorreu o primeiro confisco econômico dentro da Nação. O Império brasileiro, já em declínio, explicou que os senhores de escravos não foram indenizados devido à alta de dinheiro em caixa. Realmente, com 700

mil escravos e mais de 200 mil proprietários, fazendo cálculos realistas seria impossível ao Governo do Imperador Pedro II, indenizar no seu total os latifundiários da época. Nesse caso o que se conta de importante é que a abolição da escravidão negra no Brasil praticamente fortaleceu a Proclamação da República que viria logo no ano seguinte.

A insatisfação das elites agrícolas com a Monarquia retirou das mãos desta sua base mais sólida de apoio. Sentindo-se lesadas em seus interesses, a elite latifundiária da época passou para o lado dos republicanos e sua ajuda foi primordial para a mudança de governo no Brasil. Para simplificar o herdeiro de Cotegipe, João Maurício Wanderley, presidente do Conselho de Estado até poucos dias antes da abolição da escravidão negra deu-se bem na sua sentença profética: "Com a Lei Áurea a Princesa Isabel libertou uma raça, mas perdeu o trono".



## Atabaques soam alto em louvação ao 13 de Maio

Hoje, nos quatro cantos do mundo, homens e mulheres estão homenageando a figura materna na data onde credos e raças diferentes se harmonizam em um sentimento mais profundo de reverência às mães. No Recife, terreiros de Umbanda entoaram seus cânticos, na noite de ontem, em homenagem a Iemanjá, "mãe de todas as mães", segundo seus fiéis. Flores, animais sacrificados e velas foram levados aos altares para iluminar os caminhos das mães pernambucanas.

A libertação dos negros, conseguida há exatos 102 anos, através da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, também se configura em data importante comemorada hoje. Porém, nos terreiros do Recife e Olinda, apenas breve lembrança foi feita, sob a forma de toques para os pretos-velhos. Outros optaram por deixar passar em branco a homenagem. Segundo o babalorixá "Pai Dodê" com terreiro na rua Motocolombó, Casa Amarela, sua opção em lembrar apenas o Dia das Mães foi para "não misturar as coisas". "A figura da mãe representa tudo. Sem ela, até o próprio mundo não existiria e foi por isso que direcionamos as homenagens do dia para ela", explicou. Com a presença de mui-



"Pai Dodê": toque para os pretos

tos "filhos-de-santo" - "a maioria da classe alta" -, "Pai Dodê" prestigiou as mães com toadas as santos, dança das baianas e **baques** - toque de atabaques especialmente realizados para Iemanjá.

Três bodes, 36 galinhas e outros tantos animais de pequeno porte, além de um coquetel oferecido pela Fábrica Pitú, foram alguns presentes oferecidos no terreiro do "Pai Mário Miranda", também de Casa Amarela, pelos seus 600 "filhos-de-santo". A cerimônia, que teve início na noite de ontem, não tinha previsão para terminar. "Dependerá muito da animação da festa", analisava o babalorixá. Seu terreiro, inaugurado pelo então prefeito Gustavo Krause, foi tomado por fiéis que vieram de Campina Grande, Paraíba.

### ANTEPASSADOS

Invocação de "espíritos passados" exatamente à meia-noite, em homenagem ao negros escravos brasileiros, com cânticos e orações, foi o ponto alto no terreno do Centro Afro-Brasileiro Catedral de Iansã de "Pai Carlos", no Ibura, na 15ª Noite dos Cativoiros. Rapaduras, mingau das almas e comidas típicas também fizeram parte da festa, iniciada às 22h, e que lembrou ainda Dona Santa, a Rainha do Maracatu Elefante e o sociólogo Gilberto Freire.



"Pai Mário" sacrificou 36 galinhas